

Educação em museus e relações de poder: o que diz a pesquisa?”

Martha Marandino

Faculdade de Educação da USP

Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e
Divulgação da Ciência – GEENF

marmaran@usp.br

www.geenf.fe.usp.br

Tradições de pesquisa em Educação em Museus



- Museus: funções sociais variadas, entre elas a educação
- Educação em museus:
 - ▶ Sentidos e práticas historicamente construídos, especialmente a partir dos séculos XIX e XX
 - ▶ Diferentes atores envolvidos nesse processo: profissionais que trabalham no cotidiano das instituições e pesquisadores (MARTINS, 2011)
- Compreensão do fenômeno educacional nos museus: objeto de estudo de variados campos, cada um com suas tradições de pesquisa:
 - ▶ Educação
 - ▶ Comunicação/Comunicação Pública da Ciência
 - ▶ Museologia
 - ▶ História da ciência



A área de Educação e a pesquisa em Educação em Museus

- ▶ Interfaces possíveis...
 - ▶ Educação em museus
 - ▶ Educação e Museus
 - ▶ Museu e Educação
- ▶ Educação em Museus: olhar específico a partir do campo Educação para o fenômeno educacional que ocorre nos museus
- ▶ Diálogo com as disciplinas, paradigmas e tradições de pesquisa da Educação (que também é uma área interdisciplinar) – teóricas e metodológicas



A área de Educação e a pesquisa em Educação em Museus de Ciências

Algumas linhas de pesquisa na Educação

- ▶ Didática/Ensino e Aprendizagem
- ▶ Formação de Professores
- ▶ Currículo e Políticas Curriculares
- ▶ Sociologia da Educação
- ▶ Educação Especial/Inclusão
- ▶ Gênero, Sexualidade e Educação
- ▶ Educação e Relações Étnico-Raciais
- ▶ Filosofia da Educação
- ▶ Psicologia da Educação
- ▶ Educação Ambiental
- ▶ Estudos Culturais

Algumas linhas de pesquisa do Ensino de Ciências

- ▶ Ensino e aprendizagem de conceitos e processos científicos
- ▶ Formação de professores
- ▶ História, Filosofia e Sociologia da Ciência
- ▶ Educação em espaços não-formais e divulgação científica
- ▶ Tecnologias da informação e comunicação
- ▶ Educação Ambiental e Educação em Ciências
- ▶ Linguagens, discurso e Educação em Ciências
- ▶ Alfabetização científica e tecnológica, abordagens CTS/CTSA
- ▶ Currículos e Educação em Ciências
- ▶ Diversidade, multiculturalismo, interculturalidade
- ▶ Processos e materiais educativos
- ▶ Políticas educacionais e Educação em Ciências
- ▶ Questões teóricas e metodológicas da pesquisa
- ▶ Avaliação e Educação em Ciências

Pesquisa Educacional e Museus de Ciências



- ▶ Interfaces entre as áreas de Educação e Ensino de Ciências e a pesquisa em Educação em Museus de Ciências
 - ▶ Aprendizagem em museus (teorias comportamentais; construtivistas, sociohistóricas, etc.)
 - ▶ Ensino em museus (Transposição Didática/Transposição Museográfica/Teoria Antropológica do Didático)
 - ▶ Alfabetização científica/Letramento Científico
 - ▶ Relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente – CTSA
 - ▶ Formação de Professores/Formação de Mediadores
 - ▶ Inclusão em museus
 - ▶ Avaliação de processos e materiais educativos
 - ▶ História, Filosofia e Sociologia da Ciência e da Educação

Pesquisa em Educação em Museus sob “Olhar” Sociológico

- ▶ Relevância das investigações que analisam a dimensão sociológica da educação em museus:
 - ▶ destaque para as relações de poder a partir das influências dos campos políticos, econômicos, culturais e sociais na definição das ações educativas dentro dessas instituições.
- ▶ Análise sociológica da educação em museus com base na Teoria do Discurso Pedagógico de Basil Bernstein.
 - ▶ Evidenciar as instâncias, instituições e agentes de controlam e distribuem o poder e o conhecimento na educação em museus
 - ▶ Elucidar os processos de recontextualização e as relações de poder e controle sobre a produção do discurso que aparece para o público nas exposições e demais ações educativas
 - ▶ Estudar a participação do público nessas relações de poder e controle e as suas possibilidades de acesso ao discurso pedagógico museal



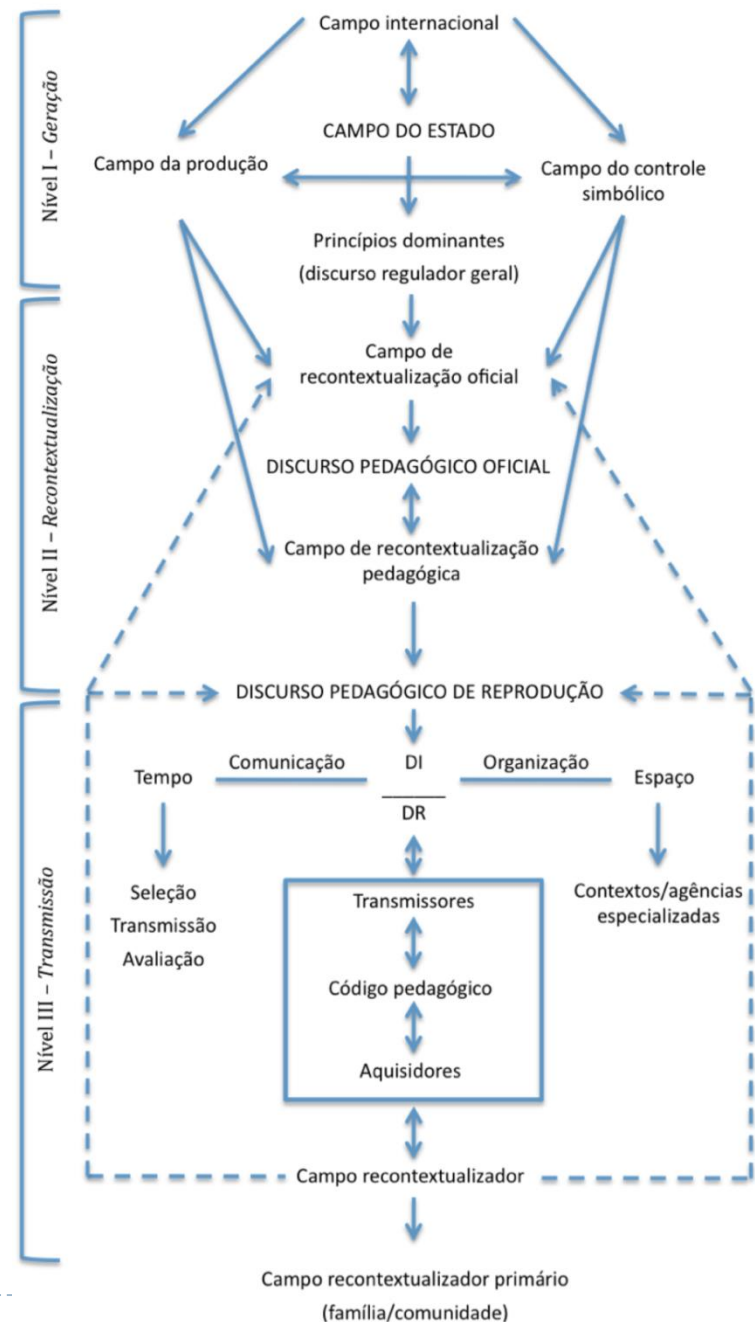
Algumas perguntas de pesquisa

- ▶ O que caracteriza o discurso pedagógico museal?
- ▶ Como o discurso pedagógico museal é produzido?
- ▶ Quem participa e tem poder nas definições sobre este discurso?
- ▶ Como se dão as relações de poder e controle entre os agentes e instâncias que definem o discurso pedagógico museal? Qual o grau de autonomia desses agentes?
- ▶ Como o público participa da produção do discurso pedagógico museal?
 - ▶ Marandino (2001; 2011): estudo do processo de produção das exposições em 5 museus de ciências
 - ▶ Martins (2011): estudo da constituição da educação em 3 tipologias de museus por meio dos setores educativos
 - ▶ Pugliese (2015): o museu e as atividades de campo na formação de professores de biologia em 3 universidades brasileiras
 - ▶ Souza (2017): análise da produção do discurso expositivo, dos níveis de exigência cognitivos e as competências conceituais sobre biodiversidade e conservação de exposições de imersão de dois jardins botânicos brasileiros



Os contextos de produção e reprodução do discurso pedagógico





Os campos recontextualizadores

- ▶ Foco no terceiro contexto: recontextualizador
- ▶ Nele, as posições, os agentes e as práticas estão preocupados com os movimentos de textos e as práticas do contexto primário de *produção discursiva* que passam para o secundário, de *reprodução discursiva*.
- ▶ A função daqueles que se encontram nesse terceiro contexto é a de regular a circulação dos textos entre os dois outros contextos
- ▶ Formado:
 - ▶ Campo recontextualizador oficial - CRO
 - ▶ Campo recontextualizador pedagógico - CRP



Os campos recontextualizadores

- ▶ **CRO: criado e dominado**
 - ▶ pelo Estado e seus agentes
 - ▶ pelos departamentos especializados e as autoridades educacionais locais, com suas pesquisas e sistema de inspeção.

 - ▶ **CRP: composto**
 - ▶ pelos pedagogos/educadores
 - ▶ formadores de professores e pesquisadores das escolas/educação
 - ▶ pelas universidades e seus departamentos/faculdades de educação, com suas pesquisas
 - ▶ fundações privadas, os meios especializados de educação, jornais semanais, revistas, editoras
 - ▶ avaliadores e consultores ou qualquer agente/agência que exerce influência sobre o Estado

 - ▶ **Identificação dos CRO e CRP a partir de dados oriundos de documentos, entrevistas e análise de ações educativas/exposições**
-



Os campos recontextualizadores oficiais e pedagógicos dos museus



Exemplos: a criação do Museu da Vida/Fiocruz



- ▶ Instituição de pesquisa no âmbito do **Ministério da Saúde**, a Fundação Oswaldo Cruz / FIOCRUZ do Brasil, ligado a **Casa da Ciência**
- ▶ Criado com o apoio financeiro obtido a partir de um programa de seleção pública para promover museus interativos de ciência do **Ministério da Ciência e Tecnologia**.
- ▶ Sua origem ocorreu a partir de um movimento político-cultural federal e estadual
- ▶ O Rio de Janeiro pode ser "*consolidar, tanto em nível nacional e internacional, como um grande centro na área de divulgação da ciência e tecnologia. As instituições envolvidas na comunicação da ciência, ao lado de tradicionais Centros de Ensino e Pesquisa, localizados aqui, realizaram nos últimos três anos investimentos de R \$ 40 milhões*" (Arouca,

Exemplos: produção do discurso

Espaço Biodescoberta/Fiocruz

- ▶ Relações estabelecidas com a Fiocruz, com os órgãos de financiamento, com interesses da equipe curadora, com seus públicos (com a escola), entre outros
- ▶ A produção do discurso expositivo: arena de conflitos e interesses entre campos de conhecimento e agentes
- ▶ *"Porque em determinados momentos, você começa a preparar um texto e esse texto pode parecer muito bobo. Em seguida, outro texto foi elaborado, mas outro grupo não iria lê-lo. Então decidimos novamente [tomar por referência] a partir da sétima série do segundo grau [da escola], em termos de testar o conteúdo, para [o aluno] para saber mais, falar mais sobre isso."*(LM-5)



Exemplos: a criação da Estação Ciência/USP

- Origem: movimento ocorrido nos anos 1980 com a **preocupação da comunidade científica em relação ao ensino de ciências em São Paulo**.
- Criada em 1987, a partir de um esforço coletivo de membros de várias instituições: **CNPq, USP e UNICAMP**.
- Inicialmente vinculada ao CNPq e em 1990 é integrada à USP (**Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP**)
- Proposta conceitual fundamentada no movimento dos **Science Centres**: crítica aos museus “tradicionais”, perspectiva interdisciplinar como ponto de partida



Exemplos: a criação da Estação Ciência/USP

"Nos cinco anos que ficou no CNPq, Pavan conviveu com cinco *ministros de Ciência e Tecnologia* diferentes"

A segunda foi o desenvolvimento de um centro de ciências para a juventude **como vinha surgindo em vários outros países** na época, batizada de Estação Ciência. 'O professor Pavan me chamou para coordenar o projeto e **pediu para consultar cientistas de todo o Brasil com o objetivo de buscar ideias e a *concordância da comunidade científica***', conta a professora de história Nely Robles Reis Bacellar, primeira diretora da Estação Ciência. **O CNPq conseguiu com o governo de São Paulo a *concessão de galpões no bairro da Lapa, tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat)*** e começou os trabalhos de arquitetura e museologia para **adequar o local a um centro de ciência sem descaracterizar os prédios.**"

(Revista FAPESP/No 168/Fev./2010)



Exemplo: a produção do discurso Estação Ciência/USP



- ▶ Equipe formada por museólogos e pesquisadores das unidades de pesquisa e ensino da USP
- ▶ Adaptação dos conhecimentos para a exposição e o público

*“Haviam reuniões gerais com todos eles, **mais de vinte pesquisadores, de todas as áreas.** Desses vinte, alguns sempre tinham uma participação, desenvolvimento e contato maior, e a partir dessas reuniões gerais a Ana fazia o exercício da unidade. (...) E eram vários contatos, várias reuniões, por telefone, **era entender o que ele estava falando e como a gente poderia musealizá-la, transformar aquela ideia em uma exposição.** (Mu4-3)”*

Exemplos: o desmonte da Estação Ciência/USP



- ▶ 2016: Estação ciência não tem mais espaço físico próprio e sua exposição foi desmontada e distribuída por órgãos da USP

- ▶ “...a decisão de transferência do acervo foi tomada após "se avaliar o **montante de recursos** que seria necessário para reformar o prédio, que, além de muito oneroso para o momento e para o atual contexto, seria de difícil aplicação em **um imóvel que não lhe pertence**” (G1, 19/5/2016)

Exemplos: as fontes de financiamento das ações educativas no Museu de Arqueologia e Etnologia/USP



- ▶ Estado não determina mas financia a educação nos museus brasileiros

- ▶ *“Uma boa parte dessas verbas a gente faz projeto e consegue fora. O Museu não desconsidera, a gente tem apoios em termos de verba, mas boa parte, tirando o cotidiano, a gente consegue via elaboração de projetos, solicitação de recursos fora. A gente já tentou editais fora, editais do **CNPQ**, do **MINC**, é que São Paulo tem certa dificuldade e a gente nunca conseguiu, nem do CNPq, nem do MinC [...]. O que a gente conseguiu foi na **USP**. E muitas vezes a gente esbarra em não fazer coisas por falta de financiamento.” (MAE – educador 2) – Martins, 2011*



Exemplos: a autonomia dos setores educativos no Museu de Astronomia e Ciências Afins

- ▶ Autonomia na produção das ações educativas
- ▶ Educadores, pesquisadores e gestores com poder de decisão sobre as ações
- ▶ *“Essa sempre foi a filosofia, geramos os nossos próprios objetos de estudo. [...] nós fizemos um projeto, para um edital do **CNPq**, e foi aprovado e nós tivemos os nossos primeiros bolsistas na iniciação científica. A pesquisa passou a ser uma coisa do cotidiano a partir de 1992, na educação. E a partir daí nós começamos a escrever os projetos para os fomentos, e a ganharmos e aumentarmos o nosso corpo de bolsistas. Hoje nós temos seis **PIBIC** aqui na educação.” (MAST educador 2, grifo nosso). – Martins, 2011*



Poder e controle: a produção do discurso pedagógico museal

- ▶ Que agentes e agências formam os campos recontextualizadores *oficiais e pedagógicos dos museus e como atuam?*
- ▶ Ou: Quem tem poder e controla a produção do discurso pedagógico dos museus? Como atuam?
 - ▶ Instituições oficiais que mantêm relações diretas com os museus e aquelas que indiretamente estão ligadas a ele
 - ▶ Agentes institucionais que atuam influenciando a produção das políticas públicas e que elaboram e realizam as ações educativas
 - ▶ órgãos do estado – ministérios e secretarias de ciência e tecnologia, de educação e de cultura municipais, estaduais ou federais que determinam esses discurso por meios de financiamentos e políticas públicas.
 - ▶ universidades e centros de pesquisas
 - ▶ educadores, comunicadores, museólogos, pesquisadores e outros profissionais que atuam na recontextualização



O campo recontextualizador oficial dos museus brasileiros

▶ Ministério da Cultura

- ▶ Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/ 2009)
 - ▶ Criação da Política de Educação Museal
- ▶ Política Nacional de Museus (2003)
- ▶ Programas de formação (oficinas Ibram)
- ▶ Sistema Brasileiro de Museus (Cadastro Nacional de Museus)
- ▶ Possibilidades de financiamento (incentivo fiscal, Fundo Nacional de Cultura e prêmios)
- ▶ Estatuto dos museus (Lei no. 11.906 /2009)
- ▶ Plano Nacional Setorial de Museus (2010)

▶ Ministério da Ciência e Tecnologia

- ▶ Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia (*Programa de Difusão e Popularização do Conhecimento Científico e Tecnológico.*)
 - *Editais*
 - *Semana Nacional de C&T*
 - *Programas Ciência Móvel*
 - *Aba de Popularização da Ciência no Currículo Lattes*

▶ Outras agências:

- ▶ Ministério da Saúde
 - ▶ Ministério do Meio Ambiente
 - ▶ Secretarias Estaduais e Municipais de Cultura e de Ciência e Tecnologia
 - ▶ Fundações (Vitae, Sangari, Serrapilheira....)
 - ▶ Iniciativa privada
-



O campo recontextualizador oficial dos museus brasileiros

- ▶ No caso da educação nos museus, a regulação pelo Estado tem baixo poder de influência na prática institucional: políticas públicas implementadas funcionam por adesão dos setores educativos e não há mecanismos de controle oficiais
- ▶ Políticas públicas com baixo grau de efetividade no incentivo específico e/ou na regulação das práticas educativas museais
- ▶ As principais “vozes” reguladoras do campo recontextualizador externo aos museus estão nas fontes financiadoras, mais do que nas agências oficiais do estado responsáveis pela estruturação de um discurso oficial sobre a área museal
- ▶ E ainda, há uma forte influência dos educadores de museus (que também são pesquisadores em educação em museus e também são gestores públicos de políticas em educação em museus) na formulação das políticas educacionais para os museus
- ▶ Forte autonomia dos educadores, no duplo papel de agentes de recontextualização pedagógica e produtores do discurso original sobre educação em museus (contradição com a Teoria do Discurso Pedagógico no âmbito escolar)
- ▶ Existência de um campo intelectual da educação em museus no qual os próprios educadores têm um papel conformador



O campo recontextualizador pedagógico dos museus brasileiros

- ▶ Dependendo do contexto histórico e político e de como a divisão do trabalho se dá em cada instituição, atores como os diretores e membros das diferentes divisões e departamentos e curadores, podem ter maior ou menor controle do discurso pedagógico em suas mãos
- ▶ Vários especialistas participam da definição do discurso pedagógico, tendo maior ou menor poder de decisão em função da autonomia que a instituição propicia para a realização do trabalho educativo
- ▶ Os educadores atuam em meio a negociações e tensões, aparecendo como um discurso mediador/regulador das ações educacionais
- ▶ Em alguns casos, o público é levado em conta para definir o nível de complexidade dos conteúdos trabalhados (não tem sido um agente pedagógico, mas sua voz pode ser trazida)



Poder, controle e autonomia na educação em museus

- ▶ Em muitos casos no Brasil, os profissionais da educação em museus por serem também pesquisadores e/ou gestores são agentes de recontextualização oficial com grande autonomia e poder
 - ▶ Porém devido a diversidades institucionais, são muitas as funções e práticas educativas.....
- ▶ O Estado tem pouco controle sobre as práticas educativas museais: os financiamentos regulam, mais a autonomia é grande
- ▶ No interior das instituições a educação em museus ainda é um espaço tensionado e de disputa: a autonomia é relativa e está condicionada a organização e estrutura de cada instituição e ao papel e importância que a educação possui em seu interior
- ▶ Para pensar...monitores e os públicos parecem ocupar apenas o contexto de reprodução do discurso pedagógico